

## CANCIONEIRO

## A ALMA

A alma não é tal a luz arquidivina  
que dentro em nós acende um Deus omnipotente  
ao pôr-nos cá no globo ainda incipiente,  
depois de nos formar com barro e lama indina.

Tambem não é a substancia eterea, diamantina,  
que, depois de no pó o corpo estar jacente,  
vae do mundo para mundo e de ente para ente,  
até se alfim tornar transcendental, divina!

E' o estomago, o peito, os membros, a cabeça,  
é a luz que suave e branda nos aqueça,  
é o ridente azul que nosso olhar enleia...

E a verde campina, o pão que se digere,  
a agua que se bebe, o raio que nos fere...  
a resultante emfim de quanto nos rodeia!

Mauuel Mantua

## A PROPOSITO DA GUERRA

Conferencia de neutros — Conferencia de Londres  
A fraternidade

Realizou-se em Compenha-  
gue nos dias 17 e 18 de janeiro,  
uma conferencia de socialistas  
suecos, noruegueses, dinamar-  
quezes e holandezes, sobre a  
conflagração europeia. O texto  
das suas teses resoluções —  
não sabemos se rigorosamente  
exacto — encontra-se no ultimo  
numero do *Combate*, discipli-  
nadamente desacompanhado de  
todo o comentario. Que valem  
essas resoluções? Oicamos Ch.  
Albert:

«Os pontos principais da primeira  
resolução podem resumir-se assim:

«O capitalismo europeu é a principal  
causa da guerra actual.

«O dever de todos os partidos socialis-  
tas, em todos os países, é trabalhar pelo  
advendo proximo da paz.

«A primeira destas duas proposições  
tem o ligeiro inconveniente de ser ra-  
dicalmente falsa. Se a garra do capita-  
lismo se encontra na guerra europeia  
como em todos os grandes aconteci-  
mentos da vida moderna, basta estudar  
com alguma intelligencia as causas da  
guerra para reconhecer que elas são,  
antes de tudo, de ordem politica e na-  
cional. Esta guerra rebentou principal-  
mente porque o partido militar ale-  
mão, o partido da força, se suicidaria  
se não tivesse defendido pela força em  
face da Europa e em face da Alemanha,  
a tese da hegemonia alemã.

«Mas é muito mais comodo para os  
que não se resolvem a tomar contra o  
imperialismo prussiano uma attitude  
franca, atirarem tudo para cima de um  
capitalismo vago, para cima de um ca-  
pitalismo real, sem duvida, mas em  
todo o caso imperceptivel e, pela sua  
propria natureza, impessoal. E' muito  
mais comodo haver-mo-nos com esse  
capitalismo do que com os soldados e  
os policias do *Kaiser*. Fulminar, por  
uma moção de congresso, o «capitalis-  
mo internacional», dispensa-nos tam-  
bem de agitar a questão espinhosa de  
certas responsabilidades. E poupamos  
desse modo a suscetibilidade dos diri-  
gentes da Social-Democracia alemã,  
cuja dictadura podia muito bem con-  
tinuar a pesar sobre a Internacional.

«Os congressistas de Copenhague  
não podiam dispensar-se de recordar  
— e recordaram — que os principios  
dessa Internacional fixados em 1910  
num outro congresso, lá mesmo em  
Copenhague, obrigavam os *eleitos so-  
cialistas* «a trabalhar pelo reconheci-  
mento do *libre arbitrio dos povos* e a  
animar os seus esforços contra as em-  
presas guerreiros e contra a *opressão  
pela violencia*. Era então o momento

de aprovarem um voto de censura aos  
*eleitos socialistas do Reichstag*, por terem  
aprovado e secundado com todas as  
suas forças o esmagamento do pequeno  
povo servio.

Não protestaram contra os que pre-  
tenderam estrangular o direito da Ser-  
via á vida nacional, mas — vá lá —  
protestaram contra «a violação do  
direito internacional em prejuizo da  
Belgica»; e, dada a alta prudencia de  
todas as opiniões emitidas por esses  
senhores, eles merecem, por semelhan-  
te gesto, todas as nossas felicitações.

«No entanto, era muito mais deci-  
dido, e sobretudo muito mais correcto,  
manifestarem-se contra a violação bel-  
ga, continuando a considerar os belgas  
como neutros e convidando, nesta in-  
tenção, os socialistas belgas para o  
*Congresso dos neutros*. Isto, porém, não  
o fizeram os organizadores da confe-  
rencia de Copenhague, — o que lhes  
valeu o protesto do partido operario  
belga. A Belgica não cessou de ser  
neutra, porque as hordas do *Kaiser* as  
sassinou, incendiario e ladrão invadi-  
ram o seu solo.

«Quanto aos votos emitidos em fa-  
vor da paz e principalmente quanto a  
esse vago convite dirigido aos opera-  
rios de todos os países a fim de reuni-  
rem «os seus esforços para uma paz  
proxima», o menos que podemos dizer  
aos neutros de Copenhague é que isso  
não é da sua conta, e não é da sua  
conta precisamente porque são neu-  
tros, neutros de facto e neutros de co-  
ração.

«Que esses senhores celebrem plato-  
nicamente a paz e se congratulem por  
não terem tomado parte na grande li-  
quidação, isso é lá com eles. Mas que  
se permitam dar conselhos, sejam quaes  
forem, áqueles que, correndo todos os  
riscos e perigos, são os actores do  
grande drama, áqueles que, como os  
revolucionarios conscientes dos países  
aliados, sabem porque se batem, — isso  
agora mais devagar. Toda a sugestão  
de paz, se não se especifica muito ni-  
tidamente uma paz destruindo, sem  
ressurreição possivel, o militarismo  
prussiano, é uma traição — e, porque  
somos internacionalista não queremos  
dizer, bem entendido, uma traição con-  
tra a nação francesa, inglesa ou russa,  
mas uma traição contra a Revolução  
e contra a Internacional».

E agora vejamos o que dizem  
os beligerantes.

\*

A conferencia realisada em  
Londres, em que tomaram parte  
socialistas e representantes de  
organizações operarias dos paí-  
zes aliados, foi presidida por

Keir Hardie. Entre os quarenta  
delegados que se reuniram est-  
tavam os mais conhecidos no-  
mes, como Vaillant, Marcel Sem-  
bat, Vandervelde, Roubanovi-  
tch, Jouhaux, Luquet, Merrheim,  
etc. Foi adoptada por unani-  
midade, a seguinte resolução:

«A conferencia não pensa em des-  
conhecer as causas gerais e profundas  
do conflito europeu, producto mon-  
struoso dos antagonismos que dilace-  
ram a sociedade capitalista e duma  
politica de colonialismo e imperialismo  
agressivos que o socialismo interna-  
cional jámais sessou de combater e na  
qual todos os governos teem uma  
parte de responsabilidade.

Mas a invasão da Belgica e da  
França pelos exercitos alemães, ameaça  
a existencia das nacionalidades e atin-  
ge a fé dos tratados.

Nestas condições, a victoria do im-  
perialismo germanico seria a derrota e o  
esmagamento da democracia e da  
liberdade na Europa.

Os socialistas de Inglaterra, de Fran-  
ça, da Belgica e da Russia, não teem  
em vista esmagar politica e economi-  
camente a Alemanha. Não fazem a  
guerra aos povos, mas aos governos  
que os oprimem. Querem que a Bel-  
gica fique livre e indemnizada; querem  
que a questão da Polonia fique re-  
solvida conforme a vontade do povo-  
polaco, no sentido da autonomia no  
seio d'outro Estado ou da independen-  
cia completa. Querem que em toda a  
Europa, da Alsacia-Lorena aos Bal-  
kans, as populações anexadas pela for-  
ça recobrem o direito de dispôr li-  
vremente de si proprias.

Inflexivelmente decididos a lutar até  
á victoria para executar esta tarefa de  
libertação, não estão menos decididos  
a combater toda a tentativa de trans-  
formar esta guerra de defeza em guer-  
ra de conquista, que prepararia novos  
agravos, sugeria os povos mais que  
nunca, ao duplo flagelo dos arma-  
mentos e da guerra.

Convencidos de que se conservaram  
fieis aos principios da Internacional,  
emitem a esperanza de que em breve,  
reconhecendo a identidade dos seus  
interesses fundamentaes, os proletarios  
de todos os países encontrar-se-ão  
unidos contra o militarismo e o im-  
perialismo capitalista.

A victoria dos aliados deve ser a vi-  
toria da liderdade dos povos, da uni-  
dade, da independencia, da autonomia das  
nações na federação pacifica dos Es-  
tados-Unidos da Europa e do mundo.

Concluida a guerra, os operarios de  
todos os países industriaes terão o de-  
ver de se unir na Internacional, afim  
de suprimir as diplomacias secretas,  
de pôr fim á influencia dos interesses  
do militarismo e dos fabricantes d'ar-  
mas e tambem o de constituir um or-  
ganismo internacional capaz de regu-  
larisar os desacordos entre as nações,  
por metodos de conciliação e arbitra-  
gem obrigatoria e para impôr a todas  
as nações a obrigação de manterem a  
paz.»

Foi tambem aprovado o se-  
guinte protesto:

«A conferencia protesta contra a  
prisão dos deputados da Duma e con-  
tra a supressão dos jornaes e as con-  
denações dos jornalistas russos, assim  
como contra a opressão dos Finlande-  
zes, dos Judeus e dos Polacos russos  
e alemães.»

Os delegados Martoff, do  
partido social democrata russo  
e Lapinsky, do partido so-  
cialista polaco, que não pude-  
ram tomar parte na conferen-  
cia, declararam que teriam vo-  
tado contra a resolução apro-  
vada na conferencia, conside-  
rando-a *no que ela tem de  
essencial*, como diametral-  
mente oposta tanto ao sentido  
das decisões dos congressos so-  
cialistas internacionaes como á

opinião da maioria dos socia-  
listas russos e polacos, que se  
mostraram solidarios com a  
attitude do grupo social-demo-  
crata da Duma.

\*

De um artigo de C. Corné-  
lissen:

«Evidentemente, eu julgo que uma  
educação dos individuos das duas ra-  
ças, aqui e da banda de lá do Reno,  
poderá ter no futuro uma influencia  
salutar, se bem que não me seja dado  
dizer que a guerra se teria evitado se,  
nos últimos 50 anos, se tivesse préga-  
do por toda a parte, nas escolas e nas  
igrejas, assim como nas reuniões pu-  
blicas, a fraternidade e não o odio.

Mas entendamo-nos. A «fraternida-  
de», como o amor, deve vir dos dois  
lados, e acima de todo o principio de  
fraternidade deve estar o direito á de-  
feza da propria existencia e das pro-  
prias liberdades! Se a educação dos  
individuos, — como eu ouvi dizer na  
Holanda, a anarquistas tolstoianos —  
levasse a aconselhar aos belgas:

«O que deviam fazer era deixar pas-  
sar as tropas alemãs, de mãos nas al-  
gibeiras!», ou levasse a dizer que os  
revolucionarios e os sindicatos france-  
zes deviam exclamar á aproximação  
dos exercitos alemães: «vivam os nos-  
sos bons irmãos, os operarios alemães,  
que ahí vêem de espingarda ao hom-  
bro!». — nesse caso, eu pretendo que  
essa educação era não só uma educa-  
ção de cobardes, como um crime con-  
tra a civilização democratica da Euro-  
pa ocidental e um esquecimento ver-  
gonhoso de tudo o que os nossos an-  
tepassados ganharam para nós, em  
liberdades adquirias em tantas revo-  
luções nobres e ousadas!»

## NOTAS LIGEIRAS

Acabo de folhear o numero de ou-  
tubro, agora publicado, do boletim da  
Sociedade de Estudos Pedagogicos.  
Deve-me a atenção um artigo de  
Adolfo Lima, intitulado — *A Escola e  
a guerra*. Como o assunto é de toda  
a actualidade, um extracto desse ar-  
tigo substituirá hoje as minhas pobres  
notas.

«Os partidarios da Escola livre de  
dogmas religiosos e politicos — escreve  
o articulista (pouco antes lhe chama,  
com menos rigor de expressão, a meu  
ver, «Escola neutra») — entendem que  
a criança deve ser educada de modo  
que *saiba, possa e queira* defender a  
sua dignidade de ser humano, e o ideal  
— não limitado, exclusivista, egoista,  
mas sem fronteiras, altruista, humani-  
tario — que o seu cerebro possua con-  
victamente enraizado, a lutar em *todos  
os campos*, empregando os meios mais  
de harmonia com as circunstancias e  
com a consecução desse ideal... Opini-  
nam por a criança dever ser educada  
na valorização das suas aptidões e fa-  
culdades intellectuais e fisicas, na viri-  
lização do seu character, na convicção  
de ideias previamente raciocinadas, na  
personalização dum ideal e que, para  
a realização deste todo, tenha a indis-  
pensavel robustez moral, capaz de ir  
até ao paradoxo de lutar para conse-  
guir a paz, a verdade e a justiça do seu  
ideal altruista e progressivo.»

E respondendo á pergunta — *qual  
deve ser a attitude da Escola perante  
o actual conflito europeu, perante a  
«grande guerra»?*, diz mais adiante:

«Conforme a idade da criança a que  
se dirige, a Escola deve mostrar o en-  
cadeamento, o determinismo sociolo-  
gico do conflito. Deve patentear que,  
sendo principal e aparentemente um  
conflito politico, elle envolve outros as-  
pectos sociais, quer nas suas causas  
complexas, quer nos seus resultados  
futuros... não só no ponto de vista  
da alteração politica das fronteiras, o  
que é de relativa importancia, mas so-  
bretudo sob o aspecto da organização  
economica, ou melhor, social futura.»

Qualquer.